La Comédiathèque

Os Flamingos azuis



Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Os Flamingos Azuis

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

A época turística começa mal para Romain e Fanny, que acabam de abrir um hotel em Les Saintes-Maries-de-la-Mer, chamado Os Flamingos Cor-de-Rosa. Uma greve provoca escassez de combustível e os cancelamentos sucedem-se. Para salvar o hotel da falência, terão de convencer os poucos viajantes retidos na estrada a prolongar a estadia e, se possível, atrair novos hóspedes. Felizmente, a Camargue e os seus habitantes têm muitos encantos. E a rececionista tem mais do que um truque na manga... Uma comédia que presta uma homenagem irreverente à mítica Camargue.

Personagens

Fanny e Romain: a proprietária do hotel e o marido
Sara e Paco: a rececionista e o primo
Folco e Marius: o criador de touros da Camargue e o filho
Patrick e Christelle: os turistas populares
Victor e Diane: os turistas aristocratas
Sam e Fred: as turistas ecologistas

© La Comédiathèque

Ato 1

Cena 1

Um balcão de bar, que também serve de receção, abre para um terraço com uma ou duas mesas, cadeiras e espreguiçadeiras. Por cima do balcão, uma placa de madeira anuncia o nome do estabelecimento: Os Flamingos Cor-de-Rosa. O terraço dá para uma piscina, que se imagina do lado da plateia. Para lá da piscina, ao longe, veem-se lagoas povoadas, entre outras aves, por flamingos cor-de-rosa. Entra Fanny, de avental, exausta. Deixa-se cair numa cadeira e suspira. Entra Romain, de jardineiras e chapéu de palha, igualmente estafado.

Romain – Está um calor...

Fanny – E ainda estamos no princípio da época.

Romain – Nem quero imaginar como vai ser em agosto...

Pausa.

Fanny – Também, com esta trabalheira, admira-me que não estejamos a ferver.

Romain – É verdade...

Fanny – Estaríamos bem mais frescos numa espreguiçadeira à beira da piscina, com um copo de rosé bem fresco na mão.

Romain – Quando o hotel estiver cheio, é que não vamos ter tempo para isso.

Fanny – E se dermos um mergulho agora?

Romain – Acabei de medir a temperatura da água. Está a catorze graus. Ainda apanhamos um choque térmico.

Deixa-se cair numa cadeira ao lado dela.

Fanny – E pensar que deixámos os nossos empregos na função pública para sermos patrões de nós próprios...

Romain – E ter uma piscina.

Fanny – Quando a água chegar aos vinte e cinco graus, só vamos poder ver os hóspedes a nadar enquanto lhes servimos bebidas.

Romain – Patrões de nós próprios, uma ova... Fazemos tudo e nem sequer conseguimos contratar alguém que nos ajude.

Fanny – Os novos hoteleiros são os escravos dos tempos modernos.

Romain – Arrependes-te?

Fanny – Nem por um segundo. Desde que rememos os dois no mesmo barco. E para o mesmo lado...

Trocam um gesto de ternura.

Romain – E se bebêssemos, afinal, aquele rosé bem fresquinho?

Fanny – Não corremos o risco de um choque térmico?

Romain – É preciso viver perigosamente.

Levanta-se, vai atrás do balcão e serve dois copos de rosé.

Fanny – Já agora, puseste o robô na piscina?

Romain – Sim... Até lhe dei um nome: R2-D2.

Fanny – A quem?

Romain – Ao robô. Acho mais simpático ter um nome. Afinal, é o nosso único empregado...

Fanny – Ao menos esse pode dar uns mergulhos...

Romain regressa com os dois copos.

Romain – Se tivéssemos robôs para tudo o resto, seria um paraíso... *(Entrega um copo a Fanny.)* Ora viva, minha senhora. Posso oferecer-lhe uma bebida?

Fanny – Com todo o gosto... Obrigada.

Romain – Eu sou o Romain.

Fanny – Muito prazer, Romain. Chamo-me Fanny. Costuma vir cá passar férias?

Romain – Todos os anos. Descobri este hotel no site Overbooking ponto com. Os donos parecem um bocadinho malucos e estão sempre cheios de trabalho, mas são simpáticos. Vou dar-lhes cinco estrelas...

Romain escreve qualquer coisa no telemóvel.

Fanny – Ainda ninguém respondeu ao nosso anúncio para rececionista polivalente?

Romain – Ninguém.

Fanny – É incrível... E até oferecemos um bom ordenado...

Romain – Seria a única de nós os três a receber um ordenado.

Fanny – Se calhar é a expressão «rececionista polivalente» que as assusta...

Romain – Sobretudo depois de exigirmos inglês, de pedirmos mais uma língua, se possível, e de insistirmos numa apresentação impecável.

Fanny – Devíamos ter escrito «criada para tudo, trilingue e com corpo de modelo». Assim ficava mais claro.

Romain – Pagamos acima do salário mínimo, com alojamento e alimentação incluídos...

Acabam de beber.

Fanny – Este rosé não é nada mau.

Romain – E é barato. Vem de um pequeno produtor daqui.

Fanny – Talvez seja um bocadinho áspero, mas bem fresco bebe-se.

Romain – Com muitos cubos de gelo, claro... Sirvo-te mais?

Fanny – Não seria sensato. Os primeiros hóspedes chegam amanhã. Acabei a limpeza, mas ainda tenho trinta e duas camas para fazer.

Romain – Como se costuma dizer: cada um faz a cama em que se deita.

Fanny – Pois... Mas depois de fazer trinta e duas camas, já nem forças tenho para me deitar na minha!

Cena 2

Entra Sara, vestida de forma bastante espalhafatosa e com um aspeto pouco cuidado.

Sara – São vocês os Flamingos Cor-de-Rosa?

Romain – Somos... Quer dizer, é assim que se chama o nosso hotel.

Sara lança um olhar desconfiado à volta.

Fanny – Não me diga que vem da inspeção sanitária! Já cá estiveram ontem.

Sara – Venho por causa do anúncio.

Romain – Ah, está bem... Desculpe, não estávamos à espera de...

Fanny – Precisamente, estávamos a falar do...

Romain – Perfil do posto.

Sara – Mas ainda precisam de alguém?

Fanny – Sim, enfim... Depende. Já trabalhou numa receção?

Sara – Não deve ser nada de complicado... O que é preciso fazer?

Romain – Para começar, atender o telefone e receber os hóspedes. Temos uma clientela muito internacional, sabe?

Fanny – É um hotel de três estrelas.

Romain – Fala um pouco de inglês?

Sara – Inglês?

Fanny – Italiano, talvez?

Sara – Falo um bocadinho de espanhol.

Romain – Ah, isso é...

Fanny – Mas por aqui não aparecem muitos espanhóis.

Sara – E quanto é que pagam?

Romain – Mil e quinhentos euros. Líquidos...

Fanny – Com alojamento e alimentação...

Sara – Pronto, serve... Para começar. Posso ver o quarto?

Romain – Bem... Temos um pequeno bungalow para alojar um empregado...

Fanny – É a porta azul, depois da piscina, mas...

Sara – Deixei a mala no carro. Não se incomodem, eu trato disso. Tem rodinhas...

Fanny – Pois...

Sara prepara-se para sair, mas volta-se.

Sara – A que horas é o pequeno-almoço?

Romain – Não se preocupe. Os primeiros hóspedes só chegam amanhã à tarde.

Sara – Não, eu queria dizer... o meu.

Fanny – O seu?

Sara – Disseram que incluía alojamento e alimentação, não foi?

Romain – Digamos, às sete.

Sara – Às sete? Não sou muito madrugadora...

Fanny – E às sete e meia, serve?

Sara – Está bem... Mas vou ter de pôr o despertador.

Observam-na afastar-se. Silêncio.

Romain – Aquilo foi mesmo uma entrevista de emprego?

Fanny – Pareceu mais um check-in, não achas?

Romain – Ou um assalto...

Fanny – Vou ver o que ela anda a fazer...

Levanta-se.

Escuro.

Ato 2

Cena 1

Sara está sentada atrás do balcão, com o telemóvel no ouvido.

Sara – Olha, comigo está tudo bem... Arranjei um emprego num hotel. É bastante tranquilo... Os patrões andam cheios de stress, nem sei porquê. É a primeira época deles, mas eu também nunca fiz isto! É preciso ter calma... *(Toca o telefone fixo, antiquado, em cima do balcão.)* Tenho de desligar, tenho outra chamada... Espero que não seja um inglês.

Guarda o telemóvel e observa o telefone fixo, intrigada.

Sara – Como é que esta coisa funciona...? *(Levanta o auscultador com dificuldade.)* Estou...? Sim, sim, é do hotel... *(Olha para a placa por cima da cabeça.)* Os Flamingos Cor-de-Rosa, precisamente... Sim... Sim... *(Consulta o livro de reservas.)* Senhor e senhora Martin, exato. Uma semana num quarto duplo... Quer cancelar? E porquê? Uma morte na família? Ora essa... E quem morreu? O seu marido? Não estará a brincar...? Bom... Que quer que lhe diga? Tenho de acreditar em si... Não estou a pôr a sua palavra em causa, mas... Não, também não lhe vou pedir a certidão de óbito... As minhas condolências, então. E boas férias, apesar de tudo... *(Desliga.)* Uma morte na família, pois sim... Conhecemos bem essa desculpa... *(Risca o nome do livro.)* Até é menos trabalho para nós... Que sede!

Abre o frigorífico atrás do balcão, tira uma lata e começa a beber.

Cena 2

Entra Fanny, de jardineiras, com uma vassoura numa mão e um balde na outra.

Fanny – Tudo bem, Sara? Não está a ser demasiado difícil?

Sara – Vai-se andando...

Fanny *(irónica)* – Se tiver sede, sirva-se à vontade do frigorífico.

Sara – Obrigada, já me servi...

Fanny – Reservas novas?

Sara – Não, infelizmente... Em compensação, já tive o primeiro cancelamento.

Fanny – A sério?

Sara – O senhor e a senhora Martin.

Fanny – Mas deviam chegar hoje!

Sara – Pois, já não vêm. A senhora Martin enterra o marido amanhã.

Fanny – O marido morreu?

Sara – Suponho que sim... A não ser que tencione enterrá-lo vivo.

Fanny – Que horror!

Sara – Também não o conhecíamos pessoalmente...

Fanny – Estou a falar do cancelamento! Tinham reservado uma semana... Belo começo...

Sara – Sabe o que se costuma dizer?

Fanny – Não. O quê?

Sara – Vai-se um, aparecem dez!

Fanny – Ainda bem que encara as coisas com filosofia... Com licença, vou continuar a limpar.

Fanny prepara-se para sair.

Sara – Agora a culpa ainda vai ser minha... Eu não tive nada que ver com isto...

O telefone fixo volta a tocar. Fanny detém-se. Sara não reage.

Fanny – Então atenda!

Sara – Já vai, já vai... Não há nenhum incêndio! *(Atende.)* Hotel Os Flamingos Cor-de-Rosa, estou...? Desculpe? Pode falar mais devagar? Não, lamento, não falo uma palavra de inglês... Está a ligar de Xangai? Sim... Sim... Não... E porquê? Pode repetir...? Está bem, já tomei nota... Olhe, não percebo nada do que diz... Pois, também estou muito desiludida... Vou desligar, que a ligação está péssima. Passe bem... *(Desliga.)* É incrível: vêm fazer turismo a França e nem se dão ao trabalho de aprender a falar francês como deve ser!

Fanny – Quem era?

Sara – Uma senhora chinesa, de uma agência de viagens de Xangai. Tinham reservado cinco quartos para um grupo de quinze pessoas...

Fanny – E então?

Sara – Eles também cancelaram.

Fanny – E porquê?

Sara – Disse que têm medo das manifestações em Paris.

Fanny – As manifestações? Que manifestações?

Sara – Viram imagens na televisão chinesa... Manifestantes a assaltar lojas de luxo nos Campos Elísios e a fugir com malas Louis Vuitton.

Fanny – Nos Campos Elísios? Mas estamos a centenas de quilómetros do Arco do Triunfo!

Sara – Iam aterrar em Paris para fazer compras antes de virem para o sul. Agora desistiram de França e vão antes para o Dubai... Pelos vistos, há lá as mesmas lojas e são mais baratas.

Fanny olha para o livro de reservas, desolada.

Fanny – Quase todas as reservas foram canceladas! Tem noção?

Sara – Pois, é uma chatice para vocês...

Fanny perde a paciência.

Fanny – Para nós? Acha que lhe vamos pagar para não fazer nada, com o hotel vazio? Pode ir fazer as malas! E, de qualquer maneira, não tinha o perfil pretendido.

Sara – Agora é preciso ter uma licenciatura para atender o telefone num hotelzinho destes?

Fanny – Vá, desapareça!

Sara – Ainda vão ter saudades minhas...

Sara sai.

Cena 3

Entra Romain.

Romain – O que se passa?

Fanny – Já ouviste falar numa greve?

Romain – Não... Trabalhamos dia e noite há uma semana. Nem tivemos tempo de ouvir as notícias. Há uma greve?

Fanny – Os chineses... Cancelaram...

Romain – Não...?

Fanny – Cinco quartos de uma vez. E a senhora Martin também telefonou a cancelar...

Romain – Por causa da greve? Pensei que viesse de Tarascon...

Fanny – Por causa do marido! Teve a feliz ideia de morrer na véspera das férias.

Romain olha para o balcão.

Romain – E a rececionista, onde está?

Fanny – Digamos que pus fim ao período experimental... Não vamos ter funcionários com o hotel vazio.

Romain – Vou ligar o rádio... Espero que não estejam todos em greve.

Fanny – Não te preocupes. Mesmo em greve, continuam a transmitir más notícias.

Romain – É aquilo a que se chama serviço mínimo...

Romain vai atrás do balcão e liga o rádio.

Locutor *(em off)* – Devido à greve que abrange os trabalhadores da Rádio França, o noticiário habitual é substituído por este boletim especial. A nova Presidente da República, recentemente eleita, surpreendeu o país há uma semana ao anunciar um projeto de lei que eleva a idade legal da reforma para os 74 anos. Os sindicatos convocaram de imediato uma greve geral. Os aviões estão em terra em Roissy e Orly; os comboios e o metro pararam em Paris. E começa a faltar combustível nas bombas, sobretudo na costa mediterrânica...

Romain desliga o rádio.

Fanny – Isto é um pesadelo.

Romain – Seis cancelamentos de uma assentada...

Fanny – As greves são como o mistral.

Romain – Vêm do Norte...

Fanny – E, acima de tudo, sabemos quando começam, mas nunca quando acabam...

O telefone toca. Romain atende.

Romain – Hotel Os Flamingos Cor-de-Rosa, diga... Sim... Sim... Claro... Compreendo perfeitamente... Não peça desculpa... Talvez para outra vez... *(Desliga.)* E já vão sete cancelamentos!

Fanny – Receio que isto não tenha acabado.

Romain – Belo momento para fazer greve! Mesmo antes das férias. Não podiam esperar até os turistas chegarem?

Fanny – Reforma aos 74 anos... É uma loucura!

Romain – Se as pessoas morrerem antes de se reformarem, acaba-se o turismo. Três quartos dos nossos clientes são reformados.

Fanny – Felizmente os nossos já estão reformados.

Romain – Pois, mas não são eternos...

Fanny – Se não houver novos reformados antes dos 74 anos, vai ser difícil fazer negócio.

Romain – Devíamos ter aberto um lar de idosos, em vez de um hotel...

O telefone volta a tocar. Olham um para o outro.

Fanny – Atende tu, não consigo...

Romain atende.

Romain – Hotel Os Flamingos Cor-de-Rosa, ao seu dispor...

Fanny – Custe o que custar...

Romain – Sim...? Ah, bom dia. Sim, sabemos desse pequeno problema, mas é passageiro, garanto-lhe... Claro, vamos tratar disso imediatamente... Muito obrigado pela compreensão. Tenha um bom dia.

Desliga.

Fanny – Outro cancelamento?

Romain – Era o banco... Por causa do descoberto.

Fanny – E nós a contar com as primeiras reservas para pagar as dívidas...

Desabam cada um numa cadeira, completamente deprimidos.

Romain – Mais valia termos ficado nos nossos empregos tranquilos na Prefeitura de Valence, em vez de nos metermos na hotelaria à espera de fazer fortuna...

Fanny – Fortuna, talvez não... Mas pelo menos sermos independentes.

Romain – Gastámos todas as nossas poupanças neste projeto.

Fanny – Sem falar no crédito...

Romain – Não podemos falhar o início da época. Aqui faz-se mais de metade da faturação do ano em três meses.

Cena 4

Sara passa a puxar a mala de rodinhas.

Sara – Deixei as chaves na porta...

Prepara-se para sair.

Fanny – Espere! Desculpe ter perdido a cabeça há bocado. Acredite que gostávamos de a manter, mas todos os nossos hóspedes cancelaram as reservas.

Romain – E temos a conta a descoberto.

Sara – Não se preocupem, eu percebo. Também estou impedida de passar cheques há três anos...

Fanny – Sente-se um bocadinho connosco e bebamos qualquer coisa. Perdido por perdido... Um rosé?

Sara – Está bem.

Sara senta-se, enquanto Romain serve os copos.

Romain – E o que fazia antes de abraçar esta promissora carreira de rececionista polivalente e trilingue?

Sara – Era vidente.

Fanny – A sério? Nos tempos que correm, até nos dava jeito...

Romain – Pelo menos o que nos aconteceu não vimos nós a chegar...

Sara prova o rosé, faz uma careta.

Sara – Primeiro despedem-me, depois tentam envenenar-me?

Romain – Assim não temos de pagar indemnização pelo despedimento.

Fanny também dá um gole.

Fanny – Sim, acho que não vamos repetir.

Sara – Posso arranjar-vos um contacto... Vinho das areias da Camargue, de uma remessa que caiu de um camião.

Romain – Espero que as garrafas não se tenham partido com a queda.

Fanny – E o nosso futuro, como o vês?

Romain – Cor-de-rosa, como os flamingos?

Fanny – Ou negro, como o da senhora Martin?

Sara – Deixa-me ver a tua mão...

Fanny estende a mão, sem convicção, e Sara observa a sua palma atentamente.

Romain – E então?

Sara levanta a cabeça.

Sara – Vejo novos clientes a chegar hoje...

Fanny – E vês isso nas linhas da minha mão?

Sara – Sim... E também no parque de estacionamento. Acabou de chegar um carro.

Fanny e Romain olham na direção do parque de estacionamento.

Romain – É verdade... Mas já não estamos à espera de ninguém.

Cena 5

Entra Patrick, com todo o equipamento do turista popular, incluindo uma T-shirt com a imagem de Johnny Hallyday. Segue-o Christelle, a mulher, igualmente vistosa e pouco requintada. Patrick traz um mapa rodoviário na mão.

Patrick – Minhas senhoras, meus senhores, desculpem interromper o aperitivo...

Christelle – Podemos fazer uma pergunta?

Fanny – Claro...

Patrick – Sabem dizer-nos onde estamos?

Sara – Claro que sabemos! Moramos aqui!

Romain – Estão em Les Saintes-Maries-de-la-Mer, meu senhor...

Patrick – Estás a ver, Christelle? Eu bem disse! Sainte-Marie-la-Mer. Vi a placa à entrada. Ainda sei ler!

Christelle – Não sejas teimoso! Les Saintes-Maries-de-la-Mer, não Sainte-Marie-la-Mer! Meteste o destino errado no GPS.

Patrick – Les Saintes-Maries-de-la-Mer, Sainte-Marie-la-Mer... Mais santo, menos santo... É tudo a mesma coisa!

Fanny – Não é bem assim. Les Saintes-Maries-de-la-Mer fica nas Bocas do Ródano, aqui na Camargue; Sainte-Marie-la-Mer fica mais para oeste, nos Pirenéus Orientais, a caminho de Espanha.

Christelle – Estás a ver, Patrick? Tens sempre de ter razão!

Romain – Permitem...? *(Tira-lhe o mapa e estende-o sobre a mesa.)* Estamos aqui. E Sainte-Marie-la-Mer é acolá...

Patrick e Christelle observam o mapa.

Patrick – Aqui?

Fanny – Na Camargue.

Patrick – Mas que diabo estamos nós a fazer na Camargue? Nem sequer fica a caminho!

Sara – Depende. Para onde vão?

Christelle – Estávamos a tentar chegar a Espanha.

Romain – Ah... Nesse caso, Les Saintes-Maries-de-la-Mer fica completamente fora de mão.

Sara – Aliás, esta estrada não vai dar a lado nenhum. Ninguém vem aqui por engano...

Christelle – Pois, Patrick, vais ser o primeiro! És um ás... um ás a perder-te!

Patrick – Quer dizer que não estamos a caminho de Espanha?

Christelle – Estamos num beco sem saída, é o que te estão a dizer! Sainte-Marie-la-Mer, essa sim, fica a caminho de Espanha.

Patrick – Íamos ter com uns amigos à Costa Brava. Queríamos passar a noite em Les Saintes-Maries-de-la-Mer.

Romain – Quer dizer, em Sainte-Marie-la-Mer, suponho...

Christelle – Até tínhamos reservado num hotelzinho. Os Flamingos Cor-de-Rosa.

Fanny – Também há flamingos lá para aqueles lados. E, pelos vistos, um hotel com o mesmo nome.

Patrick – Confiei no GPS e segui as placas...

Christelle – E logo a seguir à placa de Les Saintes-Maries-de-la-Mer, ficámos sem gasóleo.

Patrick – Não há muitas bombas por aqui. E as que vimos estavam todas sem gasóleo!

Christelle – O que vamos fazer agora?

Patrick – Havemos de arranjar gasóleo. Foi só um pequeno desvio...

Christelle – Um pequeno desvio? Tens uma lata!

Sara – Posso ver-lhe a mão?

Surpreendida, Christelle estende a mão. Sara observa-lhe a palma.

Christelle – E então?

Sara – Não vão para Espanha. Acreditem em mim.

Patrick – E porque é que não havíamos de ir?

Sara examina novamente a palma de Christelle.

Sara – Vejo uma grande desgraça à vossa espera do outro lado da fronteira.

Christelle – És vidente?

Romain – Vidente e... rececionista.

Fanny – Mas, acreditem, como vidente é melhor do que como rececionista.

Patrick – Vidente? Ena... E o que é que vê?

Sara – Vejo... cornos.

Christelle – Cornos?

Patrick – Espero que não sejam os meus...

Sara – Vejo o seu marido trespassado por um touro.

Christelle – Aqui também há touros. Vimos muitos à beira da estrada.

Patrick – Por um momento, até pensei que já estávamos em Espanha.

Sara – Sim, mas esse touro é espanhol, não há dúvida.

Christelle – E como é que sabe?

Sara – Os touros espanhóis são maiores... e muito mais ferozes. O seu marido não é toureiro, pois não?

Christelle – O Patrick, toureiro? Mal consegue matar um mosquito no quarto, quanto mais enfrentar um touro numa arena!

Sara solta a mão de Christelle.

Sara – Aconselho-vos vivamente a não irem para Espanha. Podia ser a vossa última viagem juntos...

Christelle – Por agora, daqui não saímos. Se as bombas estão todas vazias...

Patrick – Só nos resta dormir neste fim de mundo.

Christelle – Parece que estamos num filme de cowboys...

Fanny – Não anda longe da verdade. Rodaram-se aqui muitos westerns... A Camargue é uma terra de cinema. Uma lenda criada por alguns visionários, que se tornou realidade porque os habitantes quiseram acreditar nela. No fundo, a Camargue é uma questão de fé...

Silêncio.

Sara – Sabiam que o Johnny Hallyday fez aqui um filme?

Patrick – Não...

Fanny – De onde vens, Johnny?

Patrick – Eu não sou o Johnny. Sou o Patrick, e venho de Montreuil, perto de Paris.

Fanny – É o título do filme: «D'où viens-tu Johnny?», em francês. Não conhecem a canção?

Patrick – Qual canção?

Romain – «Pour moi la vie va commencer». *(Canta.)* «Pour moi la vie va commencer...»

Pode haver neste momento um breve interlúdio musical com a canção de Johnny Hallyday, gravada ou cantada em palco, acompanhada de uma pequena coreografia.

Christelle – Ah, sim... É uma das tuas preferidas, Patrick...

Fanny – Também para vocês vai começar uma nova vida na Camargue.

Sara – Se forem para a Costa Brava, essa vida é que pode acabar cedo...

Patrick e Christelle entreolham-se, indecisos.

Patrick – Bem... Não temos grande escolha. Ainda têm quartos?

Sara – Nesta época costumamos estar cheios, mas deixe-me ver... *(Consulta o livro de reservas.)* Olhe, têm sorte! O quarto sete acabou de ficar livre... O senhor que o tinha reservado morreu.

Christelle – Ficamos com ele esta noite, então. Amanhã logo se vê...

Romain – Vou mostrar-vos o quarto.

Romain sai com Patrick e Christelle.

Fanny – Afinal, subestimei-te. Se quiseres, ficas connosco.

Sara – Como rececionista ou como vidente?

Fanny – Não dissemos que procurávamos uma rececionista polivalente? Vou ver como estão os hóspedes...

Fanny sai.

Cena 6

Sara estende-se numa espreguiçadeira.

Sara – O que seria deles sem mim...?

Fecha os olhos e parece adormecer. Entram Victor e Diane, aristocratas franceses da velha escola e muito católicos. Victor traz um bidão em cada mão; Diane, malas Louis Vuitton.

Victor – Realmente, esta pequena peregrinação até Les Saintes-Maries-de-la-Mer está a tornar-se uma via-sacra... Doze estações de serviço e nem uma gota de gasolina.

Diane – Não blasfemes, Victor. Só estamos sem combustível. E ainda estamos em França, não no meio do Saara.

Victor – No Saara já teríamos encontrado petróleo...

Diane – Talvez não estejamos no deserto, mas não vejo ninguém...

Victor – O estalajadeiro não deve andar longe.

Olham à volta e acabam por reparar em Sara, adormecida.

Diane – Afinal há alguém...

Victor – Deve ser uma hóspede, como nós.

Diane – Não a vamos acordar...

Victor deixa cair um dos bidões. Sara acorda de repente.

Sara – Peço desculpa... Acho que adormeci por momentos...

Victor – Lamento tê-la arrancado aos braços de Morfeu, minha senhora. Procurávamos a rececionista.

Sara – A rececionista sou eu. Comecei esta manhã, despediram-me por volta das dez e acabaram de me contratar outra vez.

Diane – Passámos uns dias no Luberon, em casa de uns amigos que têm lá uma pequena propriedade. Queríamos aproveitar para fazer uma peregrinação a Notre-Dame-de-la-Mer, mas acabámos apanhados por esta revolta contra a subida da idade da reforma.

Victor – Nós, que nunca trabalhámos na vida... Tem a sua graça, não tem?

Diane – Receio que tenhamos de passar a noite nesta estalagem. Por acaso ainda têm dois quartos?

Sara – Dois? Dormem em quartos separados?

Victor – Não, o segundo é para a nossa filha. Está ali a admirar os touros... Por sinal, parece-me que estão com o cio.

Sara – Que idade tem a vossa filha?

Diane – Trinta e dois anos.

Sara – Dois quartos, então... Aos trinta e dois anos, já é um bocadinho crescida para ficar a segurar a vela aos pais. A ver... *(Finge consultar o livro.)* Que sorte! São os dois últimos.

Victor – No entanto, só vejo um carro no parque...

Sara – A esta hora, anda tudo a passear. Há tanto para descobrir na Camargue! Mais do que no Luberon, isso é certo.

Diane – Então vamos aproveitar para descansar.

Sara entrega-lhes duas chaves.

Sara – Aqui têm as chaves.

Diane – Obrigada. Vens, Victor?

Victor – Já vou.

Diane – Deixa esses bidões no pátio. Não os vais levar para o quarto, cheiram a gasóleo.

Saem.

Sara – Que manhã! Se isto continua assim, ainda temos de recusar hóspedes...

Sara sai.

Cena 7

Entram Sam e Fred, duas mulheres de aspeto intelectual e ecologista, com capacetes de bicicleta e mochilas. Sam traz uma máquina fotográfica ao pescoço.

Sam *(olhando para a plateia)* – Olha! Flamingos cor-de-rosa!

Fred aproxima-se.

Fred – Que maravilha! Nunca tinha visto nenhum. Tens a certeza de que são flamingos cor-de-rosa?

Sam – Cor-de-rosa são, de certeza...

Fred – Ah, pois...

Sam – E também vejo uma garçota, uma avoceta, uma alvéola-branca... e um bútio-comum.

Fred – Um bútio-comum?

Sam – É uma ave de rapina. Nunca tinha visto um tão grande.

Fred – Eu também conheço uma ave de rapina assim... A minha sogra.

Sam – A tua sogra parece um bútio?

Fred – Não, mas basta alguém dar parte de fraco para ela cair-lhe em cima.

Sara reaparece.

Sam – Por falar em aves de rapina, acho que aí vem outra...

Sara – Também ficaram sem gasolina?

Fred – Viemos de Arles de bicicleta, para passar uns dias na Camargue.

Sam – Aliás, até em Paris deixámos de usar carro há anos.

Fred – O fim da gasolina nas bombas é a melhor coisa que podia acontecer ao planeta, não achas?

Sara – Olhem, eu cá não me meto em política... Têm reserva?

Sam – Temos por princípio nunca reservar antecipadamente. Preferimos improvisar.

Fred – Estar onde ninguém nos espera.

Sara – Então vieram ao sítio certo: ninguém vos esperava. Querem quartos ou era só para fazer uma surpresa?

Sam – Dois quartos, se possível. Com banheira, se houver. Há três dias que sonho com um banho.

Fred – Mas se já não tiverem quartos, não faz mal. Somos grandes viajantes, habituadas às condições mais precárias.

Sam – No ano passado, no Nepal, dormimos numa iurta com lamas.

Fred – Lamas? Mas as lamas não são do Peru?

Sam – Ou iaques... Não me lembro bem. Mas posso garantir que não cheirava a rosas.

Fred – Portanto, se não houver quartos, dormimos no estábulo com os cavalos. Pior não será.

Sara – Não sei se os cavalos vão gostar da ideia... Mas não vai ser preciso. Vou buscar as chaves.

Fanny regressa e sorri às recém-chegadas.

Fanny – Bom dia, minhas senhoras. Bem-vindas ao hotel Os Flamingos Cor-de-Rosa.

Sam – Obrigada.

Sara entrega-lhes duas chaves.

Fred – Se não se importa, preferia evitar o quarto treze.

Sam – A minha amiga é um bocadinho supersticiosa...

Fanny – Não costuma haver quarto treze nos hotéis, minha senhora.

Fred olha para a sua chave.

Fred – O nove! É o meu número da sorte! Obrigada!

Sam e Fred saem.

Fanny – Parece que o negócio está a melhorar. Há uma hora todas as reservas tinham sido canceladas e agora estamos quase cheios... Se calhar és o nosso amuleto da sorte.

Sam regressa.

Sam – Desculpem, esqueci-me de perguntar: a que horas servem o pequeno-almoço?

Fanny – À hora que quiserem, minha senhora. Estão de férias! Não vos vamos obrigar a levantar às...

Sam – Então o meu é às seis da manhã. Sou fotógrafa de animais, amadora. As melhores fotografias tiram-se ao amanhecer, quando as aves noturnas ainda andam por aí e os turistas ainda estão na cama...

Sam sai. Sara olha para Fanny, incrédula.

Sara – Às seis da manhã...?

Fanny – Não te preocupes, trato eu disso. Também não tenho dormido muito...

Escuro.

Ato 3

Cena 1

Victor e Diane estão cada um numa espreguiçadeira. Victor lê o jornal La Provence; Diane lê Crin-Blanc.

Victor – O que estás a ler?

Diane – Crin-Blanc.

Victor – Ah, sim?

Diane – Encontrei-o na biblioteca do hotel.

Victor – É bom?

Diane – É a história de um cavalo.

Victor – Julgava que era a história de um cão.

Diane – Estás a confundir com Croc-Blanc, o romance de Jack London.

Victor – Ah, sim, pode ser.

Diane – Dizem que é um dos livros que ajudaram a criar a identidade da Camargue. Não percebo porquê: os gardians não ficam lá muito bem na fotografia...

Victor – Os gardians?

Diane – É assim que chamam por aqui aos vaqueiros da Camargue. Enfim, é uma história terrível.

Victor – Horrível? Mas o que é que acontece?

Diane – É a história da amizade entre um rapaz e um cavalo selvagem.

Victor – Então é uma história bonita...

Diane – No fim, morrem os dois.

Victor – Ah...

Diane *(quase a chorar)* – É mesmo de partir o coração...

Victor – Enfim, isso é tudo folclore, não é? Já não existem vaqueiros.

Entra Folco, pai de Fanny, com o traje tradicional de gardian e um ar severo.

Diane – Pelos vistos, ainda existem... Aquele parece o Buffalo Bill.

Victor – Bom dia, senhor.

Folco – Minha senhora... Meu senhor...

Victor – Que bons ventos o trazem, meu amigo? Há alguma festa de máscaras na aldeia?

Folco não aprecia a familiaridade.

Folco – Não foram os ventos que me trouxeram aqui, meu senhor. Nasci nesta terra, tal como os meus antepassados, há mais de dez gerações.

Victor – Desculpe, não percebi que estávamos entre pessoas do mesmo mundo.

Folco – Mundo só há um. Mas está cheio de variedades de idiotas... Incluindo os «idiotas felizes por terem nascido num sítio qualquer», como cantava Georges Brassens...

Victor levanta-se para cumprimentar Folco mais formalmente.

Victor – Permita que me apresente: Victor de la Motte de la Taupinière, barão de Coursensac...

Folco aperta a mão que Victor lhe estende.

Folco – Folco do Mas de la Renardière, dono da manade com o mesmo nome. Sou o pai de Fanny, a vossa anfitriã. Criamos touros e cavalos da Camargue.

Diane – O senhor Folco é um autêntico manadier, Victor. Os gardians são os cavaleiros de hoje, e os manadiers, os criadores das manadas, são uma espécie de senhores feudais.

Folco – Já tínhamos alguns cavalos em pensão. Infelizmente, agora também temos de acolher turistas...

Diane – Compreendo. Temos amigos com um castelo na Sarthe e, para o conservarem, despediram a criada e abriram quartos para hóspedes.

Victor – E agora são eles que servem o pequeno-almoço aos plebeus de passagem. Tem a sua graça...

Folco parece não achar graça nenhuma.

Diane – Mas diga-me, desde que chegámos não para de soprar!

Victor – Um vento de arrancar os cornos aos touros!

Diane – É infernal, este vento! Nunca mais pára?

Folco – Minha senhora, na Provença não há vento. Há o mistral. Não é a mesma coisa.

Victor – Pois... Mas é um vento do Norte, não é?

Folco – É. Vem do Norte, como os senhores. Só que o mistral, ao contrário dos turistas parisienses, é da família.

Entra Fanny.

Fanny – Ah, pai... Já conheceste os nossos hóspedes.

Diane – Sim. O seu pai estava a falar-nos do mistral.

Fanny – Hoje sopra com força, é verdade. Mas seca a roupa e afasta as nuvens. Vejam como o céu está azul!

Folco – E afasta os mosquitos. Infelizmente, nem sempre sopra com força suficiente para afugentar os turistas...

Fanny – O meu pai é um verdadeiro camarguês. Tem imensas histórias sobre a região. E, se quiserem passear a cavalo, tem uma manade mesmo aqui ao lado.

Victor – Porque não? Fazemos equitação em Paris e passeamos muitas vezes pelo Bois de Boulogne.

Folco – A Camargue não é o Bois de Boulogne, vão ver. A fauna é muito diferente: aqui há mais bichos de penas do que bichos de pelo...

Fanny – O meu pai está a brincar, claro. Anda, pai, queria mostrar-te a caldeira. Desde esta manhã que faz um barulho esquisito...

Fanny e Folco saem.

Diane – Folco... O nome assenta-lhe bem, é um tanto folclórico. E tem o mesmo nome do rapaz de Crin-Blanc e daquele barão famoso que, ao que parece, inventou a Camargue.

Victor – Inventou? Quer dizer que estamos num país imaginário, rodeados de personagens de ficção?

Diane – Há ficções tão belas que são mais verdadeiras do que muitas realidades sem brilho.

Victor – Daqui a nada ainda me dizes que estamos dentro de uma peça de teatro...

Olham, apreensivos, para a plateia, antes de regressarem à «realidade» da peça.

Diane – E o teu jornal? Traz boas notícias?

Victor – A julgar pelos jornais locais, aqui no Sul estão sempre em festa! As festas vêm organizadas por aldeia. Todos os dias há uma em qualquer lado...

Diane – Pergunto-me quando terão tempo para trabalhar.

Victor – Devíamos ler mais a imprensa regional, mesmo em Paris. É menos deprimente do que Le Figaro. Sobretudo a página dos óbitos: não conhecemos ninguém...

Diane – Por falar nisso, não sei se te disse que a baronesa de Casteljarnac morreu na semana passada. Com estas greves não podemos ir ao funeral. É uma pena...

Victor – O funeral do marido dela foi um verdadeiro sucesso...

Diane – Na alta sociedade ainda sabemos enterrar os nossos mortos com a devida pompa.

Victor – É verdade. Não percebo porque é que os pobres chamam «pompas fúnebres» àquilo. Muitas vezes nem sequer têm cerimónia na igreja!

Diane – Por falar em igreja, temos de ir.

Victor – Aonde?

Diane – À missa!

Victor – Ah, pois... Esqueci-me por completo. Estamos de férias...

Diane – Já que estamos aqui, não vamos perder uma missa em Notre-Dame-de-la-Mer.

Victor e Diane saem.

Cena 2

Entram Sam e Fred.

Fred – Já viste este céu? Que azul! Parece um quadro de Van Gogh.

Sam – Tirando a piscina, é muito pitoresco.

Fred – Sabias que Van Gogh passou uma semana na Camargue, em 1888?

Sam – Não, não sabia...

Fred – Escreveu cartas lindíssimas ao irmão, a partir de Les Saintes-Maries-de-la-Mer, e pintou aqui seis quadros... *(Pausa.)* E tu, o que estás a ler?

Sam – Mireille. Também ela veio em peregrinação até Les Saintes-Maries-de-la-Mer. Só que não lhe correu bem.

Fred – Mireille Mathieu? A cantora de Avinhão? Veio cá em peregrinação?

Sam – Mireille! O poema de Frédéric Mistral, o grande escritor provençal!

Fred – Ah, sim... E o que é que lhe correu mal?

Sam – Morreu.

Fred – Para uma peregrinação, não é propriamente boa publicidade.

Sam – Deve ser por isso que Lourdes tem mais peregrinos do que Les Saintes-Maries-de-la-Mer...

Fred – Em compensação, aqui há mar.

Sam observa as aves com os binóculos.

Sam – Que maravilha, estas aves todas...

Folco regressa.

Folco – Senhoras...

Sam – Bom dia, senhor. A julgar pela plumagem, é cá da região, como os flamingos?

Folco – Nasci aqui, minha senhora. Fui dos últimos a nascer em Les Saintes-Maries-de-la-Mer.

Fred – Está a baixar a natalidade?

Folco – Não. Mas não há maternidade num raio de trinta quilómetros.

Fred – Posso fazer-lhe uma pergunta?

Folco – Se faz mesmo questão...

Fred – Sempre me perguntei porque é que os flamingos levantam uma pata para dormir...

Folco – Os ornitólogos discutem isso há séculos. A teoria mais aceite é que, se levantassem as duas, caíam.

Fred – Ah... claro...

Sam *(em voz baixa, a Fred)* – Deve ser o humor da Camargue... *(A Folco.)* Isto é espantosamente plano. Ainda mais do que a Holanda.

Fred – É mesmo um país baixo...

Folco – Deve ser por isso que os flamengos da Bélgica vêm passar aqui o verão.

Pausa.

Fred – Ah, os flamengos... Agora percebi. É um brincalhão, o senhor...

Sam – O senhor cria gado, não é?

Folco – Não crio gado, minha senhora. Crio touros e cavalos da Camargue.

Fred – Somos contra as touradas, aviso já.

Sam – E não comemos carne.

Folco – Mas andam de bicicleta elétrica, com baterias fabricadas na China. Os cavalos em que eu ando foram criados aqui.

Fred – Os touros, esses come-os.

Folco – Sim. Mas antes disso vivem livres, ao contrário dos animais das explorações industriais.

Sam – Alguns acabam na arena, de qualquer maneira.

Folco – Aqui temos sobretudo a course camarguaise, a corrida tradicional da Camargue. Os participantes tentam tirar ornamentos dos cornos dos touros, sem os matar. Os nossos touros têm nome, vivem muitos anos em liberdade e, quando morrem, enterramo-los de pé, com a cabeça voltada para o mar. Aos mais célebres até erguemos estátuas...

Fred – É verdade... Acho que vi a estátua de um touro junto às arenas.

Folco – Vovo.

Sam – Perdão...?

Folco – É o nome desse touro lendário... Conhece muitos bois ou porcos com uma estátua em sua honra?

Fred – Só alguns políticos...

Folco – Está a ver? Aqui respeitamos os animais. Mais: veneramo-los.

Folco sai.

Fred – Esqueci-me de perguntar porque é que os flamingos são cor-de-rosa.

Sam – Ainda bem. Acho que ficou um bocadinho... furioso. Vamos dar uma volta de bicicleta?

Fred – Vamos... Embora ele até tenha razão: isto é tão plano que nem precisávamos de bicicletas elétricas.

Cena 3

Entra Marius, um rapaz muito bonito e confiante. As duas mulheres ficam visivelmente impressionadas.

Marius – Bom dia, minhas senhoras!

Sam – Bom dia, meu jovem.

Marius – Sou irmão da Fanny.

Fred – A sua irmã não nos tinha dito que tinha um irmãozinho.

Marius – Trabalho com os cavalos na propriedade ao lado, com o meu pai. Se quiserem dar um passeio...

Sam – Pois... Até dá vontade de montar a cavalo...

Fred – Quase dá vontade de ser o cavalo...

Marius – Vejo que é fotógrafa. A cavalo consegue aproximar-se das aves sem as assustar...

Sam – Estou convencida. Vamos visitá-lo, não vamos, Fred?

Fred – Com todo o prazer.

Marius – Já andaram a cavalo?

Sam – Por acaso não. Sou contra a exploração dos animais, em princípio. Mas também não convém ser fundamentalista...

Marius – Os nossos cavalos são muito bem tratados, vão ver.

Fred – Não tenho dúvidas.

Marius – Também organizo passeios de barco ou uma iniciação aos desportos de prancha...

Sam – Desportos de prancha... Isso também nos podia interessar, não é, Fred?

Fred – Desde que comecemos devagar. Já não praticamos há bastante tempo...

Sam – Mas o seu aspeto atlético... Deve ser do desporto e da vida ao ar livre.

Marius – Também sou bombeiro voluntário.

Fred – Claro...

Sam – Com aquele físico, até podia ser modelo!

Fred – Ou cantar numa boys band da Camargue.

Sam – Nunca pensou em fazer cinema?

Marius – Para ser sincero, um amigo convenceu-me a candidatar-me a Mister Camargue.

Sam – Mister Camargue?

Marius – É como Miss Camargue, mas para homens.

Fred – Claro...

Sam – E quando é a eleição?

Marius – Sábado à noite, nas arenas.

Fred – Eu, por mim, dava-lhe as duas orelhas e o rabo...

Marius – Então apareçam! Toda a gente pode votar.

Sam – Normalmente não frequentamos arenas...

Fred – Nem concursos de beleza...

Sam – Mas, afinal, porque não?

Marius – Então, até breve!

Marius sai.

Fred – Parece saído de um calendário de bombeiros, não parece?

Sam – Dá vontade de votar nele...

Fred – Calma, ainda não vimos os outros candidatos.

Sam e Fred saem.

Cena 4

Entram Patrick e Christelle, em roupa de praia. Folco reaparece.

Folco – Então, tiveram um bom dia?

Patrick – Fomos à praia, mas a água estava gelada!

Christelle – Tem a certeza de que estamos no Mediterrâneo? Está mais fria do que na Bretanha!

Folco – É o mistral. Empurra as águas quentes da superfície para o largo.

Patrick – E este mistral vai durar muito?

Folco – Deve acalmar ao fim da tarde.

Patrick – Parece que já sopra menos.

Christelle – Pois, mas os mosquitos voltaram.

Patrick – E a câmara municipal não faz nada contra os mosquitos?

Folco – Faz. Todos os anos fazemos um tratamento aéreo.

Christelle – Aéreo?

Folco – De helicóptero. Largamos napalm sobre os arrozais, com Wagner como música de fundo. Vale a pena ver uma vez na vida. É um espetáculo!

Folco sai. Patrick e Christelle trocam um olhar perplexo.

Patrick – Sabias que deitam napalm para matar os mosquitos, na Camargue?

Christelle – Não...

Patrick – Deve ser por isso que aqui não cresce quase nada.

Patrick e Christelle saem.

Cena 5

Fanny regressa com Sara.

Fanny – É uma catástrofe... A caldeira avariou! O hotel inteiro ficou sem água quente.

Sara – Já pediste ao teu marido que dê uma vista de olhos?

Fanny – Ao Romain? Antes de ser hoteleiro, tratava dos documentos dos carros na prefeitura da Drôme. Até para mudar uma lâmpada tenho medo que se eletrocute...

Sara – Não têm um canalizador?

Fanny – Temos, mas está preso numa obra em Marselha. Conheces outro?

Sara – Tenho um primo que percebe um bocadinho de tudo. Posso pedir-lhe que venha cá.

Fanny – Está bem.

Romain entra.

Romain – Infelizmente, uma desgraça nunca vem só...

Fanny – O que foi agora?

Romain – A bomba de gasolina mesmo em frente acabou de ser abastecida.

Fanny – Sem água quente nas torneiras e com gasóleo nas bombas... São os vasos comunicantes! Os hóspedes vão-se todos embora! Só cá estavam porque não tinham combustível para sair...

Romain – Temos de arranjar qualquer coisa que os faça querer ficar.

Fanny – E não faltam atividades por aqui...

Romain – Mas com estas greves já ninguém viaja. Quando estes náufragos da estrada se forem, o hotel fica vazio...

Sara – Era preciso um milagre para salvar a época...

Fanny – Obrigada pelo otimismo. Alguma ideia?

Sara – Podia acender uma vela na igreja e pedir ajuda à Santa Sara, a Negra, padroeira dos ciganos.

Romain – Obrigado, já me sinto mais descansado...

Pausa.

Fanny – Podíamos organizar um serão musical. *(A Sara.)* Não conheces músicos da região?

Sara – Tenho um primo que toca flamenco. Infelizmente, também está retido em Marselha, como o teu canalizador.

Fanny – Numa obra?

Sara – Não... Na prisão das Baumettes.

Fanny – Tocava assim tão mal?

Sara – É uma história complicada...

Romain – A menos que o consigamos fazer fugir da prisão...

Escuro.

Ato 4

Cena 1

Victor e Diane tomam o pequeno-almoço numa mesa. Entram Patrick e Christelle.

Patrick – Bom dia a todos. Bom apetite!

Victor – Obrigado, muito amável da sua parte.

Diane – Dormiram bem?

Christelle – Dormimos... Mas acordar foi difícil. Não havia água quente! De manhã ainda está fresco...

Diane – Também tivemos de tomar um duche frio. Dizem que rejuvenesce a pele, mas...

Victor – Enfim, podemos regressar ao Luberon. A bomba de gasolina voltou a ter combustível.

Patrick – E nós vamos finalmente seguir para Espanha.

Diane – Apesar de tudo, isto até não é mau.

Patrick – Ontem fui à pesca e apanhei dois bacalhaus. Dei-os à dona do hotel... Que havia de fazer com dois bacalhaus num quarto?

Victor – Tem a certeza de que eram bacalhaus? Costumam viver nos mares do Norte. Não me parece que existam no Mediterrâneo...

Diane – Ontem a água estava tão fria que não me admirava que os bacalhaus tivessem vindo cá passar férias.

Christelle – Pelo menos fizeste um amigo.

Patrick – Também é de Montreuil, a duas ruas de nossa casa. Vem cá todos os anos de autocaravana.

Christelle – Entretanto, mantive o bronzeado integral. Sabiam que há aqui uma praia de naturismo?

Diane – Uma praia de naturismo... Ora vejam...

Patrick – Se quiserem, amanhã podem vir connosco...

Victor – Não sei se... *(A Diane.)* Que acha, minha querida?

Diane, embaraçada, não responde.

Christelle – A água do mar estava ainda mais fria do que a do duche... Mas havia flamingos nas lagoas e cavalos na praia. Foi lindo.

Patrick – E vocês, o que fizeram?

Victor – Fomos ao parque ornitológico.

Christelle – Um parque... quê? O que há lá?

Diane – Aves. É um parque ornitológico.

Patrick – Mas aves há por todo o lado! Até na lagoa atrás da piscina. Não é preciso ir a um museu para as ver.

Diane – Mas lá podemos vê-las mais de perto. E há pequenas placas com o nome de cada ave.

Christelle – Estão embalsamadas?

Victor – Não, estão vivas! As placas ficam à frente do sítio onde estão.

Patrick – Então estão em gaiolas?

Diane – Não, andam à solta.

Christelle – Mas se mudam de sítio, já não ficam à frente da placa...

Victor – Tem razão, de facto...

Patrick – Se estão à solta, até podem sair do parque, não podem?

Diane – Sim, suponho...

Christelle – Que museu mais estranho! Imaginem o Louvre, com a Mona Lisa a passear por Paris de braço dado com a Vénus de Milo!

Patrick – À noite fomos a um restaurante de paelha. Havia ciganos a tocar flamenco. Muito típico, não foi, Christelle?

Christelle – E uma jarra de sangria para acompanhar... Foi uma noite fantástica!

Patrick – Uma pessoa pergunta-se por que raio faz tantos quilómetros até Espanha. Aqui já há arenas, touros, paelha, sangria, flamenco e ciganos...

Christelle – Eu nem sabia que havia tantos ciganos na Camargue.

Cena 2

Entra Folco com Fanny.

Patrick – Lá vem o Folco. Ele sabe responder a isso...

Christelle – Conhece a história da Camargue de trás para a frente. É só perguntar.

Patrick – Diga-me, Folco, há muitos ciganos por aqui?

Folco – Depende da época. Os ciganos são como os flamingos e os turistas: há os que migram e os que acabam por ficar.

Fanny – A Camargue é uma terra de acolhimento. Está ligada às suas tradições, mas aberta ao mundo.

Folco – Les Saintes-Maries-de-la-Mer é a capital da Camargue. E é também a capital de todos os que não veem as fronteiras como obstáculos.

Fanny – Duas vezes por ano vêm cá ciganos de toda a Europa para venerar Santa Sara, a Negra, sua padroeira. É uma peregrinação que vale a pena conhecer.

Christelle – Temos de voltar nessa altura, Patrick!

Diane – Nós também. Não é, Victor? Deve ser muito pitoresco...

Fanny – Peço desculpa pela falta de água quente. A caldeira avariou, mas vamos tentar arranjá-la o mais depressa possível.

Entram Sara e Paco, um rapaz moreno e muito atraente, de aspeto latino.

Sara – Este é o Paco, o primo de que vos falei.

Fanny – Muito prazer... Então o senhor é canalizador?

Paco – Entre outras coisas...

Sara – E vai concorrer ao Mister Camargue, no sábado, nas arenas.

Fanny – Isso não me espanta... Mas onde estão as ferramentas?

Paco – Trabalho de ouvido.

Fanny – De ouvido?

Sara – Tem um dom. Basta-lhe ouvir o barulho de um carro para perceber onde está a avaria. Com as caldeiras deve ser a mesma coisa...

Fanny – Então deixo-vos ver... quer dizer, ouvir.

Sara e Paco saem. Entra Romain.

Romain – Quem é aquele galã latino?

Fanny – O homem que fala ao ouvido das caldeiras.

Romain – Desculpa?

Fanny – É primo da Sara. Depois explico-te.

Romain – Tem mais ar de cantor de flamenco do que de canalizador, mas enfim...

Patrick – Não foi aquele que cantou no restaurante ontem à noite?

Christelle – Parece que sim...

Fanny – Então, quais são os vossos planos para hoje?

Victor – Para começar, fazer as malas. Os nossos amigos esperam-nos para almoçar em Lourmarin.

Romain – Já se vão embora?

Diane – Infelizmente. Mas voltamos, prometo.

Victor e Diane saem. Entram Sam e Fred.

Fanny – E vocês? Espero que fiquem mais uns dias connosco...

Sam – Gostávamos muito, mas amanhã temos de apanhar o comboio em Arles, para voltar a Paris...

Fanny fica à beira das lágrimas.

Fanny – Então vão-se todos embora... Que disparate, mas foram os nossos primeiros hóspedes e já me estava a afeiçoar a vocês...

Romain – Tens de te habituar, querida. Abrimos um hotel, não um lar de idosos. Se vais chorar de cada vez que alguém sai...

Fred – Nós voltamos! Não é, Sam?

Sam – Claro que sim.

Fred – Até lá, vamos aproveitar o último dia.

Sam – Marcámos um passeio a cavalo com Marius.

Fred – E logo à noite vamos votar na eleição de Mister Camargue, nas arenas.

Fanny – Ah, então já decidiram em quem vão votar...

Sam – O seu irmão é um homem muito bonito...

Sara e Paco regressam.

Fred – Mas este também não lhe fica atrás...

Fanny *(ao ver Paco)* – Já?

Sara – Eu avisei que ele tem um dom. É de família...

Romain – Então, qual é o diagnóstico?

Paco – Quando faz tac-tac, é elétrico. Quando faz gluglu, é do circuito da água.

Fanny – E desta vez?

Paco – Faz toc-toc.

Romain – É grave, doutor?

Paco – Quando faz toc-toc, costuma ser o carburador.

Romain – O carburador? Não sabia que as caldeiras a gás tinham carburador...

Fanny – Mas consegue arranjá-la?

Paco – Eu não arranjo caldeiras. A minha especialidade são carros...

Sara – Sobretudo usados.

Fanny deixa-se cair numa cadeira.

Fanny – Andámos meses a preparar a abertura do hotel. E agora avaria a caldeira! Sem água quente, a época está arruinada! Os hóspedes vão-se todos embora... Onde é que vamos encontrar um canalizador?

Fanny desata a chorar.

Christelle – Não chore assim, minha senhora...

Fanny – Desculpe... São os nervos...

Christelle – O problema é a caldeira, não é?

Romain – Parou de funcionar ontem à meia-noite.

Christelle – Então, Patrick, faz alguma coisa!

Patrick – Bem, vou dar uma vista de olhos.

Christelle – O meu marido é canalizador e técnico de aquecimento.

Fanny – A sério? Foi Deus que vos mandou! Venha, mostro-lhe a caldeira...

Fanny e Romain saem com Patrick e Christelle. Depois saem os restantes.

Cena 3

Entra Marius. Tira do bolso a chave do carro e carrega no botão para destrancar as portas. Ouvem-se, ali ao lado, os soluços de um carro velho que alguém tenta pôr a trabalhar, sem sucesso. Marius olha, intrigado. Bate uma porta. Entra Paco. Os dois medem-se com o olhar. Paco observa o carro de Marius.

Paco – Que carro é esse?

Marius – Um Mercedes.

Paco – Ah, sim? É que, sem a estrela...

Marius – Roubaram-ma. Ao princípio mandava pôr outra. Depois desisti. Roubavam-na sempre.

Paco – Também, que ideia, pôr estrelas até nos carros... É mesmo coisa de alemães.

Marius – Gostava de saber o que fazem com elas.

Paco – Com quê?

Marius – Com as minhas estrelas! Devem fazer coleção.

Paco – Bem, antes a estrela do que o carro. O meu nem estrela tinha e roubaram-mo na mesma. Comprei este em segunda mão... *(Pausa.)* E está satisfeito com o seu?

Marius – É resistente.

Paco – Bonito não é.

Marius – É alemão.

Paco – Mas é uma boa marca.

Marius – É Mercedes.

Paco – Pois.

Marius – Sabemos o que estamos a comprar.

Paco – E sabemos o que temos.

Marius – Qualidade alemã. *(Pausa.)* E o seu, que marca é?

Paco – Nunca descobri.

Marius – Como assim?

Paco – O homem que mo vendeu disse que era um Renault. Não trazia a marca em lado nenhum. Mas na oficina garantiram-me que não era.

Marius – Então, o que é?

Paco – Não sabem.

Marius – Bolas!

Paco – De resto, anda bem. Uma mudança de óleo de vez em quando... Ainda bem, porque arranjar peças, quando nem se sabe a marca...

Marius – Pois, imagino...

Paco – É um carro de marca desconhecida, digamos assim. Disseram-me que talvez tenha sido fabricado num país de Leste. Ou na China. Por uma fábrica que entretanto fechou, ou mudou de nome.

Marius – Mas o que diz o documento único automóvel?

Paco – Registei-o como Renault.

Marius – Algum nome tinha de ter...

Paco – Uma espécie de registo civil.

Marius – Também se dá um nome a uma criança abandonada à nascença. Porque não a um carro?

Paco – Tirando isso, está tudo em ordem. É mesmo um carro, está a ver? Anda e tudo. Só não se sabe de que marca.

Marius – E de que ano é?

Paco – Também não se sabe ao certo. Talvez tenha uns trinta anos. Antes da queda do muro, de certeza.

Marius – Que muro?

Paco – Pois, aí é que está. O de Berlim, talvez. Ou a Grande Muralha da China. Quem sabe?

Marius – A Grande Muralha da China caiu?

Paco – Era preciso fazer-lhe uma datação por carbono 14. Diretamente no tubo de escape.

Marius – Pelo visto, não tem catalisador...

Paco – Nem cintos de segurança, como deve calcular. Mas, como é considerado um clássico, posso andar com ele na mesma. De resto, é um bom carro. Quer dizer, normalmente. Agora é que não pega...

Marius – Os clássicos são sempre um bocado caprichosos... E anda a quê? Quando anda, claro.

Paco – Eu ponho-lhe gasóleo de aquecimento, como nas caldeiras. Mas talvez também ande com outra coisa. Nunca experimentei.

Marius – Ah, pois...

Paco – E tem a certeza de que o seu é mesmo um Mercedes? *(Marius olha-o, inquieto.)* Digo isto por causa da estrela que falta...

Marius – Bem, tenho de ir andando.

Paco repara na tabuleta com o nome do hotel.

Paco – Os Flamingos Cor-de-Rosa... Que nome engraçado para um hotel. São belgas os donos?

Marius – Belgas?

Paco – Os flamengos são belgas, não são?

Marius – Ah, os flamengos... de Flandres!

Paco – Sim, mas porquê flamengos cor-de-rosa?

Marius *(irónico)* – Talvez seja um hotel belga... e gay friendly.

Paco – Pois...

Marius – Os belgas também são umas aves raras...

Paco – Aves migratórias.

Marius – Só que esses vêm passar o verão à Camargue.

Marius prepara-se para sair.

Paco – Dá-me uma ajuda a empurrá-lo?

Marius – A empurrar o quê?

Paco – O meu carro! Não pega...

Marius *(sem entusiasmo)* – Está bem...

Saem os dois.

Cena 4

Entra Sam, que observa os flamingos com os binóculos. Entram Fred e depois Folco.

Fred – Ah, Folco! Era mesmo consigo que eu queria falar...

Folco – Diga...

Fred – Sabe porque é que os flamingos são cor-de-rosa?

Folco – Se é outra daquelas anedotas sobre a pata dos flamingos, já estou farto...

Fred – Não, não é uma anedota.

Folco – Estava a calcular...

Fred – Então?

Folco – Ficam cor-de-rosa por comerem pequenos crustáceos que contêm um pigmento avermelhado.

Fred – Ah, estou a ver. Ouviste, Sam? *(Mas Sam está concentrada nos binóculos.)* É como quando tomamos betacaroteno para ficarmos com a pele mais bronzeada.

Sam – Estranho... E nem sequer fumei nada esta manhã...

Fred – O quê?

Sam *(dando-lhe os binóculos)* – Olha! Não vês nada de especial?

Fred – Não...

Sam – Os flamingos... Estão azuis!

Fred – Bolas! É verdade! *(Passa os binóculos a Folco.)* O senhor também os vê azuis?

Folco espreita pelos binóculos.

Folco – Vejo...

Sam – Não podemos ser os três daltónicos.

Fred – Se calhar as fêmeas são cor-de-rosa e os machos azuis.

Sam – Tem de haver uma explicação científica.

Folco – Pois...

Fred – Talvez tenham comido camarões azuis.

Sam – Isso não explica como ficaram azuis os camarões...

Folco – Ou talvez seja um milagre de Santa Sara, a Negra...

Sam e Fred voltam-se para Folco.

Fred – Santa Sara, a Negra?

Folco – A padroeira dos ciganos, que vêm em peregrinação a Les Saintes-Maries-de-la-Mer.

Sam olha para a primeira página do jornal La Provence.

Sam – Olhem, vem aqui no La Provence: apareceram flamingos azuis em Les Saintes-Maries-de-la-Mer, durante o fim de semana!

Folco pega no jornal e lê a notícia.

Folco – Diz aqui que os curiosos começam a chegar de todo o lado... A este ritmo, daqui a três dias isto parece Woodstock!

Fred – Flamingos azuis... Não chega a ser uma aparição da Virgem, mas...

Sam – É extraordinário. Deve ser uma consequência das alterações climáticas.

Fred – Ou uma fraude...

Sam – Uma fraude?

Fred – Já se inventaram milagres para atrair turistas...

Sam – Achas que Bernadette Soubirous trabalhava para o posto de turismo de Lourdes?

Sam e Fred saem. Folco sai também.

Cena 5

Regressam Patrick, Fanny e Romain.

Fanny – Conseguiu fazer alguma coisa?

Patrick – Era só um fusível queimado. A instalação elétrica também já não é propriamente nova...

Romain – E então?

Patrick – Mudei o fusível e a caldeira voltou a funcionar.

Fanny – É um milagre! Posso dar-lhe um beijo?

Fanny beija Patrick, enquanto Romain olha para o jornal.

Romain – Por falar em milagres... Já viste o jornal?

Fanny – Achas que tenho tempo para ler o jornal?

Romain – Devias, pelo menos, dar uma vista de olhos...

Estende-lhe o jornal. Mas o telefone toca nesse instante e Fanny atende.

Fanny – Hotel Os Flamingos Cor-de-Rosa, estou...? Uma reserva? Claro! Para quantas pessoas? Oito?

Patrick *(a Romain)* – Parece que o negócio está a melhorar...

Escuro.

Ato 5

Cena 1

Cena muda, numa atmosfera surrealista. Ouvem-se acordes de um western, ao estilo de Era Uma Vez no Oeste. Entra Marius, vestido de cowboy e com pistolas à cintura. Entra Paco, com um traje semelhante. Avançam em câmara lenta até ficarem frente a frente, como num duelo de western. Escuro. A música pára. Ouvem-se dois tiros de revólver. Um pequeno interlúdio musical, no escuro, permite que todos os atores ocupem os lugares para a cena final.

Cena 2

A luz revela uma festa de despedida com todas as personagens. Uma pequena orquestra, formada conforme os talentos dos intérpretes (ou por músicos adicionais), toca um tango. Em alternativa, pode usar-se música gravada. Alguns pares dançam, mas já não são os casais habituais: Victor dança com Christelle e Patrick com Diane, realçando o contraste entre classes sociais. Patrick conduz Diane com firmeza, o que não parece desagradá-la. Marius e Paco usam ambos uma faixa de Mister Camargue. Fanny e Romain observam os dançarinos. A música baixa de volume sempre que alguém fala.

Fanny – Afinal, ficaram todos...

Romain – E parece que já se estão a entender muito bem...

Fanny – Foi uma boa ideia organizar esta festa para celebrar o começo um tanto atribulado da época.

Romain – Enquanto esperamos os novos hóspedes, que vêm de todo o lado ver os nossos flamingos azuis.

Fanny – Já temos o hotel cheio para as próximas três semanas.

Romain – Mais um milagre que devemos à Sara...

Fanny – Sim... Mas a qual das duas?

Romain – À que tem a estátua na cripta da igreja ou à que contratámos para a receção?

Trocam um sinal amistoso com Sara.

Fanny – Proponho que mudemos o nome do hotel para Os Flamingos Azuis.

Romain – Ao menos não haverá outro hotel com um nome igual...

O baile continua.

Sam – Em quem votaste?

Fred – No Marius. E tu?

Sam – Acabei por votar no Paco.

Fred – Não admira que tenham empatado.

Sam – Ele também é um belo homem...

Fred – Olha-me para aquele rabinho...

Sam – Estamos a tornar-nos umas ordinárias...

Fred – Pois estamos...

Sam – Qual é o feminino de «macho»?

Fred – «Macha»?

O baile continua.

Diane – Meu Deus, Patrick, como dança bem... O meu marido já não me fazia dançar assim há anos. Até fico tonta...

Patrick – Temos de repetir para o ano!

Victor dança com Christelle de forma muito mais comedida.

Victor – É encantadora, esta festinha improvisada. Devíamos fazê-la mais vezes.

Christelle – Um dia destes apareçam lá em casa para um aperitivo. Montreuil não fica assim tão longe do chiquérrimo 16.º arrondissement de Paris... Pelo menos em linha reta, a voo de pássaro.

Sam e Fred observam os pares, bebendo rosé.

Sam – Este rosé continua intragável...

Fred – Pois... Mas é biológico.

Sam – Desde que nos ponha alegres, que importa a qualidade do vinho?

Marius aproxima-se de Fred.

Marius – Quer dançar?

Fred – Adorava, mas não sei dançar tango.

Marius – Eu ensino-lhe. É muito fácil. Só tem de se deixar conduzir.

Fred – Então entrego-me inteiramente nos seus braços...

Marius e Fred vão dançar, tal como Romain e Fanny. Os outros dois pares voltam às mesas. Paco aproxima-se de Sam.

Paco – Concede-me esta dança?

Sam – Deixe-me consultar o meu cartão de baile... *(Finge olhar para o telemóvel.)* Sim, parece que ainda tenho uma vaga.

Paco e Sam vão dançar.

Victor – São as melhores férias que passámos em muitos anos, não acha, minha querida?

Diane – Ao menos divertimo-nos mais do que naquele maldito Luberon...

Victor – Veja lá essa linguagem, senhora baronesa. Parece-me que os nossos novos amigos de Montreuil a estão a influenciar...

Riem-se. Folco aproxima-se.

Christelle – Afinal, a Camargue é tão boa como Espanha.

Patrick – E fica muito mais perto.

Christelle – Para o ano voltamos cá, a Les Saintes-Maries-de-la-Mer...

Folco – Serão bem-vindos. Na Camargue orgulhamo-nos dos nossos flamingos cor-de-rosa, mas até os flamingos azuis são bem recebidos, desde que gostem desta terra e respeitem as nossas tradições.

Sara vira a tabuleta por cima do balcão. Do outro lado, pode ler-se: «Os Flamingos Azuis».

A festa continua.

Escuro lento.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Junho de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-217-3

Documento para download gratuito